



*Rock*, GALINHAS,  
PRETENSÕES E REYKJAVÍK

por Pedro Fávares

7025. P. Z - BUARBRÁNN

Luzes piscando, sons esquisitos, não dá pra saber muito bem o que está acontecendo. Era pra ser um show de alguma banda, mas está parecendo mais uma instalação que um show. Quem assiste, porém, parece ser uma plateia de um show, com cervejas nas mãos, rindo, meio perdidos. No palco, demorei um pouco pra entender, mas estão ali três islandeses desmiolados decapitando galinhas vivas e alguma outra ave parecida, em o que parece ser uma grande guilhotina de papel. Um tempo depois, a polícia chega e a agitação para. Ninguém parece ter sido preso, mas a presença da polícia dispersa a plateia e o show acaba. Logo depois, dando entrevista enquanto sentados no palco, a banda fala algumas poucas coisas para a câmera. Um deles, brincando com o corpo de uma galinha, solta: “Se é permitido animais morrerem em um abatedouro, por que não em uma obra de arte?”.

Esse é o trecho mais diferente de **Rokk Í Reykjavík** (1982), de Friðrik Þór Friðriksson. Até então (e a partir daí), ele é um registro praticamente simpático sobre a cena de rock islandês entre 1981 e 1982, claramente entorpecida pela lógica *punk* do “*do it yourself*” e da loucura inconsequente adolescente. O filme é basicamente uma coletânea de apresentações ao vivo de 18 bandas e um poeta islandês. Essas apresentações são preenchidas com depoimentos de algumas bandas que vamos ver

ou já vimos tocar, ou algum membro delas. Na cópia que assisti, os nomes das bandas e de suas músicas aparecem através da legenda, mas não há nada impresso na película. Sobre esse trecho da decapitação das galinhas, a única informação que me apareceu através das legendas foi de que a “banda” se chama Bruni BB, mas aparentemente ela não existe em nenhum outro lugar, exceto nesse filme, o que a torna anônima quanto se seu nome não tivesse sido revelado. O que mais incomoda nesse trecho do filme não é a decapitação. É também, mas ela só incomoda mais do que devia por conta da confirmação de que é algo completamente vazio, coisa que se dá no depoimento de um dos rapazes. “Por que não em uma obra de arte?”. Tenho uma fascinação enorme por um tipo de rebeldia adolescente, aquela que transborda vida, urgência, paixão, inconsequência e loucura, mas que é também aquela que constantemente se depara com a consequência, com a desilusão e que em todo momento se coloca em crise. Porém, nesse trecho do filme e nesse depoimento, me deparei pensando, por um breve momento, que talvez a inconsequência jovem fosse, na verdade, um monte de besteira. Claramente essa performance não foi pensada com algum motivo, algum porquê. A explicação dada pelo rapaz no seu depoimento é nada mais que uma justificativa forçada, algo que veio depois da ideia inicial de “decapitar galinhas

no palco”. Essa noção de que arte deve ser algo que tenha “cara de arte”, esquisito, perturbador e que não vai em momento algum para um lugar que supere a superfície; essa pretensão artística, no pior de seus sentidos, é uma das coisas mais vazias que podem vir a ser chamadas de arte. Portanto, uma das coisas que menos arte é. Uma galinha viva, vivendo sua vida de galinha, é mais arte que isso.

O pensamento de que a inconsequência jovem talvez fosse uma grande baboseira foi breve. Foi muito incômodo, mas logo sumiu. Sumiu porque me lembrei do resto do filme, das outras performances e de outros registros dos shows. Lembrei-me, principalmente, de Sjárfsfróun, um trio de meninos de não mais do que 13 anos de idade que fazem um *punk* casca-grossa no qual, claramente, ninguém sabe tocar seus instrumentos muito bem. O que conta pra eles é a energia, o essencial da apresentação ao vivo. A platéia, composta também de adolescentes não muito mais velhos, entra na animação da banda e ninguém parece entediado. Alguns parecem estar adorando. Em um certo momento, o vocalista tenta tocar um baixo mas erra tanto que decide o jogar no chão e destruí-lo com um pequeno machado que estava no seu cinto. Nisso, o baterista, rindo com a imprevisibilidade do amigo, tenta introduzir as batidas do machado no ritmo de sua bateria

enquanto o guitarrista faz um solo torto, desafinado e errado que não vem só de uma simples vontade de desconstrução, mas também da consciência de suas habilidades, suas limitações. Não há nada de intelectual ou de tentativas intelectualóides. O que sobra é o que importa, a despretensão da alma.



Esse tipo de despretensão aparece também, em formas diferentes, nas performances e depoimentos das bandas Purrkur Pillnikk e Grýlurnar. O trecho do Purrkur Pillnikk abre com Einar Örn (vocalista da banda e uma das grandes figuras do *punk* islandês, que viria a cantar com Bjork no Sugarcubes) falando sobre como só agora os islandeses perceberam que você não precisa saber fazer grandes solos de guitarra pra poder tocar em uma banda de rock. Em seguida, vemos eles tocando em algum porão e não há dúvidas sobre a diversão que estão tendo.

Grýlurnar é uma banda só de garotas e que deixa, em seus depoimentos, bem claro o quanto é fácil tocar em uma banda. Basta comprar os instrumentos, levá-los para uma garagem, tocar, treinar e tudo vai se arranjar. Formalmente a banda é mais concisa que Purrkur Pillnikk e bem mais que Sjálfsfróun, porém não há aqui nenhuma pretensão artística superficial.

Friðrik Þór Friðriksson faz em *Rokk Í Reykjavík* um registro sincero desse momento do rock na Islândia. Ele não alcança algo de belo através do filme, mas o filme parece viver muito mais no que ele filma do que no como aquilo é filmado. Esse filme talvez seja muito mais dos músicos islandeses, de suas ideias e suas urgências do que de Friðrik Þór Friðriksson, mas ao mesmo tempo, Friðriksson não é um cara que simplesmente larga a câmera em qualquer lugar e deixa as bandas tocarem. Existe uma tentativa de conciliar as músicas com a imagem, planos e montagem. Em alguns momentos ele parece até tentar fazer algum tipo de videoclipe com as apresentações, como com a banda Þeyr na música “Rúldolf”. Existem momentos das entrevistas nesse filme que, em um documentário mais formalmente didático e atado a um conteúdo restrito, não teriam vez. Momentos esses que capturam ainda algum tipo de inocência e simplicidade nessas pessoas que fazem parte das bandas.

Porém, a impressão que dá é a de que essas pessoas transbordam verdade, ou seja, seria difícil diminuir delas esse tanto, mesmo se Friðriksson quisesse. O filme é tão cru quanto aquilo que ele filma. Não é só de temas que vive o cinema, mas também certamente não é só de forma. O que existe é uma coexistência, uma compreensão que a forma tem do seu conteúdo. A forma é indispensável e ela contribui para o conteúdo. São duas coisas que se alimentam e se fortalecem em conjunto. *Rokk Í Reykjavík* dá a impressão de ser um filme formalmente semelhante àquilo que filma. O importante é que ele existe.

